

# **Saúde Mental, Produção de Subjetividade e Resistências: interpelações pela e para a Psicologia**

Mental Health, Subjectivity Production and Resistances: interpellations by and for  
Psychology

Salud Mental, Production de Subjetividad y Resistencia: interpelaciones por la y para la Psicología

Os artigos publicados neste número da Revista Polis e Psique compõem políticas de escrita e leitura do presente, situadas na intersecção entre Saúde Mental, a produção de Subjetividade e Resistências. Os textos aqui publicados dão visibilidade à tarefa cotidiana de produzir a psicologia a partir das interpelações dos campos nos quais essa tem se inserido.

A discussão da Saúde Mental pela Psicologia se constrói na criação de torções epistemológicas, metodológicas e políticas que possibilitam não a destituição do espaço de saber da Psicologia, mas o questionamento de sua verticalidade em relação aos sujeitos e campos nos quais e com os quais opera. Macedo e Dimenstein (2016) já discutiam os efeitos do saber-fazer do (a) psicólogo (a) empreendidas junto à Saúde Mental. Tais efeitos se atualizam no presente quando, mais do que discutir sobre a prática do (a) psicólogo (a) em tais campos, está em questão a ética da relação que se constitui junto às/aos usuárias/os e familiares que fazem uso da rede de Saúde Mental.

A produção de subjetividade emerge nos artigos não pela via da identificação e indexação a um eu, mas enquanto dispositivo político potente cuja função nas relações é, justamente, a criação de espaço para pensarmos sobre os vetores de subjetivação. São nos encontros com o outro (o usuário, o campo, as políticas) que a psicologia é interpelada em suas certezas e, ao mesmo tempo, convocada às lutas, sejam elas pelo acesso a direitos, pelos enfrentamentos às formas de institucionalização e, mais do que isso, pela própria existência de

vidas que, de outro modo/em outra lógica, seriam impelidas aos espaços de não saber/desrazão (Barros & Jorge, 2011).

As resistências, por sua vez, convergem em dois pontos: o primeiro diz respeito à afirmação de um fazer diferente em cuja aposta está a produção de relações não violentas com o saber e a possibilidade de constituição de uma outra relação epistemológica-política (Scisleski & Hüning, 2016); o segundo pela luta que tensiona, ao mesmo tempo, a manutenção das políticas de saúde mental, uma vez que estas garantem atendimento aos usuários, contudo, demandando das mesmas garantia da participação dos usuários e suas famílias nas ações empreendidas, tanto quanto as participações/orientações dos profissionais que na rede atuam (Costa & Paulon, 2012).

Apresentamos, assim, narrativas e políticas de atuação que não são homogêneas, ao contrário, se produzem na heterogeneidade dos encontros entre Saúde Mental, Produção de Subjetividade e Resistências que disparam as interpelações pela e para a Psicologia.

Laís Vargas Ramm e Édio Ranieri (UFRGS/UFPEL) problematizam a noção de utopia a partir do conceito de profanação, proposto por Giorgio Agamben, no artigo intitulado “Profanar a utopia: dos cenários sociais em lusco-fusco”. O estudo proposto se depara com questões tais como: haveria na utopia abrigo para um exercício ético capaz de potencializar processos de singularização? Tal experiência, uma vez disparada, colocaria em questão algumas das linhas de força que compõem os modos de subjetivação hegemônicos no contemporâneo?

No artigo “Loucura e Militância: história de vida resistente na luta antimanicomial”, Júlia Carvalho dos Santos e Fernando Yonezawa, Adriana Leão (UFES), analisam o modo de funcionamento dos movimentos da luta antimanicomial, a partir de entrevistas realizadas com usuários dos serviços de saúde mental da região metropolitana da Grande Vitória, os quais possuíam histórico de atuação nos espaços de militância. A escrita desenvolve apontamentos

sobre uma ética militante antimanicomial capaz de dar passagem a modos singulares de atuar politicamente.

Andressa Dias Arndt e Kátia Maheirie (UFSC), apresentam um panorama histórico dos aspectos teóricos e práticos da Musicoterapia na escrita de título “Musicoterapia: dos fazeres biomédicos aos saberes sociocomunitários”. Em seu trabalho as autoras analisam a predominância de modelos de atuação regidos por propostas clínicas e/ou biomédicas de teoria e prática.

No artigo “Debates Psicopolíticos sobre Indígenas em Contexto de Cidade”, Mayara dos Santos Ferreira e Marcelo Gustavo Aguilar Calegare (UFAM) discutem a categoria de identidade coletiva no contexto da migração de indígenas às cidades. Tal discussão permitiu a realização de apontamentos pertinentes à utilização da referida categoria para refletir sobre a realidade indígena citadina, ponderando, ademais, sobre a necessidade de repensá-la, considerando as particularidades decorrentes das especificidades étnicas e organizacionais dos povos indígenas.

As discussões realizadas no texto “O sujeito como campo problemático: contribuições de Foucault e Deleuze” de autoria de Mariana Tavares Cavalcanti Liberato, Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa e João Paulo Pereira Barros (UFC) se direcionam à noção de sujeito como campo de problematização e sua relação com a constituição do saber psicológico. A partir da filosofia da diferença, sustenta-se que essa noção ocupa lugar emblemático na ordem discursiva contemporânea. Abordam, portanto, a conexão entre a produção de saberes-poderes, as práticas de si na antiguidade, a invenção do indivíduo, as noções de dobra e resistência.

Contribuindo com a problematização do cenário atual da saúde mental no Brasil, Rayanne Suim Francisco (Espírito Santo) em “Quando eu descobri que não era Nise: produções manicomiais no contexto hospitalar”, apresenta as experiências narradas como parte das vivências cartografadas em um hospital geral no estado do Espírito Santo. As narrativas foram

construídas no formato de cartas, com o objetivo de mobilizar uma escrita viva, interconectada à análise das problemáticas apresentadas; bem como o de fissurar o modelo de ciência hegemônico que prevalece no contemporâneo.

Jordana Rodrigues da Silva (UFN - RS) discute em “O singular do projeto terapêutico: (im)possibilidades de construções no CAPSi” o modo como ocorre a inserção e a participação do usuário e sua singularidade na construção de seu Projeto Terapêutico Singular, a partir da percepção dos profissionais da equipe de um Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência, localizado no interior do Rio Grande do Sul.

Faz-se presente, também, a problematização de políticas de visibilidade que produzem práticas de captura incessante de imagens por meio de aparelhos portáteis, tanto em experiência de viagens como na vida cotidiana. É no artigo intitulado “À captura dos instantes: políticas de visibilidade em imagens contemporâneas” de autoria de Maicon Barbosa (Unisuam - Centro Universitário Augusto Motta – Rio de Janeiro) que se analisa articulações entre algumas políticas de visibilidade contemporâneas e certos regimes de enunciação, como os discursos de exaltação da novidade de artefatos imagéticos, propondo-se a pensar como alguns filmes-ensaios produzidos pelo cineasta Jean-Luc Godard interrogam essas políticas de visibilidade marcadas pelo imperativo de captura e exibição contínuas de imagens.

“Escritos nas paredes: tensões no contexto universitário”, produzido por Grazielle Aline Zonta e Andrea Vieira Zanella (UFPR/UFSC), discute a comunicação escrita em paredes de uma universidade pública federal, comunicação essa que visibiliza as tensões características das relações instituídas nas cidades contemporâneas. A análise das autoras coloca em cena a arena de vozes sociais constituída no cotidiano universitário, sendo as intervenções nas paredes formas de resistência à tentativa institucional de harmonização dos espaços e dos discursos amparada na ordem de conservação do patrimônio público.

No texto “Colonialidad y Psicología: el desarraigo de la sabiduría”, Liliana Parra-Valencia e Dolores Galindo (Colômbia / UFMT) abordam alternativas de desenraizamento do conhecimento, herança colonial atualizada na Psicologia. As autoras oferecem pistas e propõem a noção de grupalidade de cura junto ao trabalho comunitário como opção para sair do estado de violência epistêmica.

Apresentamos também o relato de experiência intitulado “Grupo de escuta com familiares em centro de atenção psicossocial: um relato de experiência”, de Antônia Vieira Santos (UNEB – Bahia), aborda a problemática vinculada à coparticipação familiar no contexto dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPES), ressaltando os desafios da construção e manutenção de familiares, no intuito de fazer escuta a suas angústias e ser facilitador nas relações cotidianas com a loucura.

Fechando este número, Marília Veríssimo Veronese e Julice Salvagni (PUCRS/UFRGS) apresentam a resenha do livro “Tem saída? Ensaio crítico sobre o Brasil” (Buenno, W., Burigo, J., Pinheiro-Machado, R.; Solano, E., 2017). Nesse texto, a capacidade imaginativa de um grupo heterogêneo de mulheres feministas é posta a serviço da análise de cenários e de propostas de superação das crises historicamente enfrentadas no país.

**Henrique Caetano Nardi** – Editor Chefe

**Neuza Maria de Fátima Guareschi** – Editora Gerente

**Giovana Barbieri Galeano** – Editora Assistente

### Referências

- Barros, J. P. P. & Jorge, M. S. B. Vozes da loucura cantada: sentidos sobre a loucura e o louco em canções brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(12): 4845-4854, 2011. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n12/33.pdf>
- Costa, D. F. C. & Paulon, S. M. Participação social e protagonismo em saúde mental: a insurgência de um coletivo. *Saúde em Debate*, 36(95): 572-582, 2012.
- Macedo, J. P. & Dimenstein, M. Formação do psicólogo para a saúde mental: a psicologia piauiense em análise. *Interface – Comunic., Saude, Educ.*, 2010. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/icse/2011nahead/aop2211.pdf>
- Macedo, J. P. & Dimenstein, M. Efeitos do saber-fazer de psicólogos na Saúde Mental do Piauí. *Fractal: Revista de Psicologia*, 28(1):37-45, 2016. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0037.pdf>
- Scisleski, A. C. C. & Hüning, S. M. Imagens do escuro: reflexões sobre subjetividades invisíveis. *Polis e Psique*, 6(1): 8 – 27, 2016. Recuperado de [https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/61374/pdf\\_12](https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/61374/pdf_12)